

O Gênero *Isabelia* no Rio Grande do Sul.

Luiz Filipe Klein Varella
lvarella@via-rs.net

Resumo: *Isabelia violacea* (Lindl.) Van den Berg & M.W.Chase e *Isabelia pulchella* (Kraenzl.) Van den Berg & M.W.Chase são as duas espécies do gênero *Isabelia* que ocorrem no estado do Rio Grande do Sul. São dados os detalhes de sua morfologia, distribuição e cultivo.

Palavras chave: *Isabelia*, Rio Grande do Sul, *Isabelia violacea* e *Isabelia pulchella*.

Abstract: (The genus *Isabelia* in the State of Rio Grande do Sul). *Isabelia violacea* (Lindl.) Van den Berg & M.W.Chase and *Isabelia pulchella* (Kraenzl.) Van den Berg & M.W.Chase are the two species of the genus *Isabelia* that grow naturally in Rio Grande do Sul State, Brazil. The author gives details of their morphology, distribution and growing conditions.

Key words: *Isabelia*, Rio Grande do Sul State, *Isabelia pulchella* and *Isabelia violaceae*.

O gênero *Isabelia* Barb.Rodr. foi proposto em 1877 por Barbosa Rodrigues, e pertence à subtribo *Laeliinae*, de acordo com Dressler (1993). Durante muitos anos foi



Fig.1 – *Isabelia violacea*, aspecto geral da planta em flor.
(Fotos: todas de L.F. Varella)

um gênero monotípico, tendo *Isabelia virginialis* Barb.Rodr como sua única espécie. As outras duas espécies que hoje pertencem ao gênero, *Isabelia pulchella* (Kraenzl.) Van den Berg & M.W.Chase e *Isabelia violacea* (Lindl.) Van den Berg & M.W.Chase, foram inicialmente descritas respectivamente nos gêneros *Neolauchea* e *Sophronitella*, e eram também as representantes únicas dos dois gêneros.

Das três espécies, *I.virginialis* é a única que não ocorre no Rio Grande do Sul. Sua ocorrência limita-se ao Estados da região Sudeste do Brasil, ao Estado do Paraná e também à região de Misiones, na Argentina.

Assim, as duas espécies de *Isabelia* que efetivamente têm registros para o Rio Grande do Sul e que serão tratadas neste artigo são *I.violacea* e *I.pulchella*.

Ambas as espécies estão incluídas pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul na lista de táxons da flora nativa ameaçados de extinção no Estado (anexo I do

Decreto 52109/2014). Os principais motivos são pelo seu aspecto ornamental e pela degradação de seus habitats.

Isabelia violacea (Lindl.) Van den Berg & M.W.Chase

I. violacea foi descrita em 1840 por Lindley, como *Sophronitis violacea*, passando para o gênero *Sophronitella* em 1925, quando este foi proposto por Schlechter. Em 2001, Cássio van den Berg e Mark Chase transferiram a espécie para o gênero *Isabelia*.

Como as demais espécies do gênero, é uma espécie monofoliada, apresentando de uma a três flores por inflorescência. Floresce no inverno e ocorre do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, avançando também para a região de Goiás sendo considerada uma das espécies de *Orchidaceae* que ocorrem tanto na Mata Atlântica quanto no cerrado.



Fig.3- *I. violacea*, aspecto geral da planta.

Apresenta pseudobulbos bastante agrupados por rizoma curto, lenhoso e ramificado. Pode ser encontrada vegetando tanto como epífita como rupícola, geralmente em ambientes com boa luminosidade.

Os pseudobulbos são sulcados e medem de 1,5 a 3cm de comprimento por 1,5 a 2cm de diâmetro. São monofoliados; as folhas medem entre 2 e 7cm de comprimento por 0,2 a 0,6cm de largura, com forma oblonga a lanceolada. A inflorescência surge da base do pseudobulbo portando de uma a três flores de colorido violáceo que dá nome à espécie, num pedúnculo entre 1 e 3cm de comprimento em média, e pedicelos de 1,5 a 2cm de comprimento. As sépalas têm forma lanceolada, com medidas mais ou menos iguais; a sépala dorsal é geralmente um pouco mais curta, com 1,7 a 1,9cm de comprimento por 0,4-0,5cm de largura, enquanto as sépalas laterais medem de 2 a 2,2cm de comprimento pela mesma largura da sépala dorsal. As pétalas têm forma lanceolada e apresentam mais ou menos o mesmo comprimento das sépalas (2-2,2cm em média) sendo um pouco mais largas, com 0,7-0,8cm de largura. Tanto pétalas quanto sépalas apresentam ápice agudo.



Fig.2 - *I. violacea*, detalhe da flor.



Fig.4 - Detalhe da flor de *I. violacea* mostrando a coluna com asas laterais arredondadas.



Fig.5- *Isabelia pulchella*, aspecto geral da planta em flor.

respeitadas no cultivo, onde a planta não necessita da mesma proporção de umidade necessária para outras espécies de Laellinae de seu porte, como espécies dos gêneros *Leptotes* ou *Sophranitis*. Os relatos são de que seu cultivo sob umidade em excesso acaba levando a planta à morte.

***Isabelia pulchella* (Kraenzl.) Van den Berg & M.W.Chase**

I. pulchella foi descrita em 1897 pelo austríaco Friedrich Kraenzlin como *Neolauchaea pulchella*, e também foi transferida para o gênero *Isabelia* por Cassio Van den Berg e Mark Chase.

Com seu rizoma longo e ascendente, seus pseudobulbos monofoliados e bastante espaçados entre si, e suas folhas finas e longas, *I. pulchella* é facilmente reconhecível mesmo quando sem flor. Costuma formar extensos tapetes de plantas entrelaçadas sobre troncos e galhos, e eventualmente sobre rochas, muitas vezes com raízes e pseudobulbos aéreos, dispostos a 10 ou 20cm do substrato.

Os pseudobulbos são cobertos por bainhas fibrosas e apresentam-se separados 2 a 4cm uns dos outros e são de uma cor verde escura, quase avermelhada em plantas expostas a muita claridade. São bastante pequenos para o comprimento das folhas; atingem no máximo 1,5cm de altura, enquanto as folhas (ditas aciculares, por sua forma fina e longa), podem alcançar 8cm de comprimento.

O labelo tem forma ligeiramente espatulada, margens lisas e mede entre 1,5 e 1,6cm de comprimento por 0,6 a 0,8cm de largura. Apresenta a base um pouco esbranquiçada.

A coluna é de um colorido um pouco mais escuro que as pétalas e sépalas e mede cerca de 0,5cm de comprimento por 0,2cm de largura. Apresenta asas laterais arredondadas dispostas em torno da cavidade estigmática, com cerca de 0,3cm de comprimento, projetadas para a frente.

Existe uma rara variedade com flores de colorido branco, e foi descrito por Leinig no fim dos anos 60 um híbrido natural entre ela e *I. pulchella*, *Isabelia x pabstii* (antes conhecida como *Isanitella x pabstii*).

A planta ocorre em altitude entre 500 e 1000m, vegetando na parte média a alta de troncos que recebem boa luminosidade, sem muita umidade relativa do ar. Essas condições devem ser



Fig.6- *I. pulchella*, detalhe da flor. Variedade com colaração conhecida como "tipo"

média. As pétalas são um pouco mais longas, com 0,8-1,1cm de comprimento por 0,6-0,8cm de largura. O labelo tem forma ligeiramente oval, mede entre 0,8 e 1,1cm de comprimento por 0,6-0,7cm de largura, com margens um pouco onduladas, quase crispadas. A coluna mede de 0,4 a 0,5cm de comprimento por 0,3cm de largura, com asas laterais pequenas, de no máximo 0,1cm de comprimento.

É mais uma espécie endêmica do Brasil: ocorre na Mata Atlântica da região Sul do país e alcança ainda os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Sua ocorrência está registrada para regiões de altitude média a elevada, na região leste dos Estados do Sul e Sudeste do Brasil. Vegeta em matas úmidas onde seu rizoma escandente faz com que a planta cubra grandes dimensões de baixa a média altura dos troncos e rochas. Em cultivo a planta deve ser mantida em ambiente de alta umidade relativa do ar e intensa luminosidade, embora restrita à luz solar direta apenas nas primeiras horas da manhã.



Fig.7- *I. pulchella*, aspecto geral da plantas, evidenciando raízes aéreas.

A inflorescência é uniflora, portando flor de pouco mais de 1cm de diâmetro, predominantemente de cor violácea. A espécie também apresenta uma variedade de flores albas, e boa variabilidade no colorido básico do tom violáceo das flores.

A flor é suportada por pedúnculo de comprimento variável entre 1,5 e 3cm e pedicelo de 0,5cm. As três sépalas têm ápice agudo e forma lanceolada, medindo todas aproximadamente as mesmas dimensões - entre 0,7 e 0,9cm de comprimento por 0,3-0,4cm de largura em



Fig.8 – Duas variedades de *I. pulchella*, a “tipo” e a “alba”.

O nome do gênero proposto por Kraenzlin, *Neolauchea*, seria homenagem a Lauche, diretor do Jardim Botânico de Liechtenstein no século XIX, acrescido do prefixo ‘neo’ (‘novo’) – pois já havia um gênero chamado *Lauchea*, descrito em 1855 por Klotzsch (que hoje é sinônimo do conhecido gênero *Begonia* L.). Já o nome da espécie, ‘pulchella’, vem do latim; é o diminutivo de ‘pulcher’ = belo, bonito.

Referências:

- Barros, F. 2003. Notas taxonômicas sobre espécies brasileiras dos gêneros *Catasetum*, *Isabelia*, *Veyretia*, *Acianthera* e *Anathallis* (Orchidaceae). *Hoehnea* 30: 181-191.
- Barros, F.; Vinhos, F.; Rodrigues, V.T.; Barberena, F.F.V.A. & Fraga, C.N. 2012. Orchidaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>, Acesso em: 20 Mai. 2015
- Dressler, Robert L. 1993. Phylogeny and classification of the orchid family. Dioscorides Press, Portland, OR. 314 p.
- Engels, M. E.; Tardivo, R. C. 2013. O gênero *Isabelia* (Orchidaceae: Laeliinae) no estado do Paraná, Brasil. *Rodriguésia* 64(2): 369-377. 2013
- Leinig, M. 1971. *Isanitella* - a new intergeneric hybrid. *American Orchid Society Bulletin* 40: 709-712.
- Pabst, G.F.J. & Dungs, F. 1975. Orchidaceae Brasilienses I. Brucke-Verlag Kurt Schmiersow, Hildesheim.
- Rodrigues, J.B. 1877. *Genera et Species Orchidearum Novarum I*. Imprimerie de C. et H. Fleiuss, Rio de Janeiro.
- Van den Berg, C., W. E. Higgins, R. L. Dressler, W. M. Whitten, M. A. Soto Arenas, A. Culham and M. W. Chase. 2000. A Phylogenetic Analysis of Laeliinae (Orchidaceae) Based on Sequence Data from Internal Transcribed Spacers (ITS) of Nuclear Ribosomal DNA. *Lindleyana* 15(2): 96-114.
- Van den Berg, C. et al. 2005. Subtribe Laeliinae. In: Pridgeon, A.M., Cribb, P.J., Chase, M.W., Rasmussen, F.N. *Genera Orchidacearum Vol. IV*. Oxford University Press, Oxford.:181-316.